

## RESENHA

1. Referência Bibliográfica: HUXLEY, Aldous. **A Ilha**. São Paulo, Civilização Brasileira, 1975.

1.1. Dados biográficos do autor: Descendente de uma família ilustre de pensadores e sábios, última floração do Império Britânico, onde aparece como subgrupo antioficial. Crítico ferino do Modelo Britânico e buscador pertinaz de novos caminhos para a Civilização, coerente com a busca de epigênese do Império Britânico. Negava que esta epigênese fosse Estados Unidos, socialismo ou nazismo. Sua vida e seus escritos refletem a crítica e a proposta do novo modelo, cujo fulcro seria a ciência aplicada na maximização de potencialidades do indivíduo. Daí suas experiências com maconha, LSD (Portas da Percepção), e o tipo de homem e de mulher que apresenta neste livro, que é uma antítese de seu *Brave New World*.

1.2. Resenhistas: Cléia Campos Mello e W. De Gregori.

2. Coleta de dados.

2.1. Assunto eixo: Utopia somando valores ocidentais e orientais.

2.2. Relativizações do conteúdo: Além de uma proposta de um novo modelo de civilização, o livro pode ser visto como uma crítica do Império Britânico e como uma futuração da fusão cultural oriente-ocidente.

2.3. Resumo.

O escritor apresenta uma utopia, tendo como paisagem a ilha de Pala, nos Mares do Sul. Usa como interlocutor um jornalista inglês, Will Farnaby, o qual, no encontro com diversos personagens, desde sua chegada à Ilha como náufrago, vai-se inteirando de um novo modelo de convivência. Esta reforma era resultante de um encontro entre o Velho Rajá, soberano da Ilha e um médico inglês Mac Phail, que reorganizaram a família, a forma de governo e sobrevivência, como também a condução para uma evolução espiritual somando a cultura ocidental e oriental. O experimento já se encontra na 5ª geração e, no momento, ameaçado pela ilha vizinha, capitalista, apoiada por companhias de Petróleo, que consegue introduzir-se na ilha, através de Rani, rainha de Pala e princesa do arquipélago de Rendang. Não havendo a rainha assimilado o novo modelo, foi fácil abordá-la por seus desequilíbrios - religiosidade, dominação do filho, aspiração à fama, progresso e riqueza.

O conflito entre o subgrupo da rainha e o subgrupo do novo modelo "palês", manejado por agentes externos, leva o experimento à derrota, sendo a ilha invadida pela ditadura militar capitalista vizinha, açulada pelas companhias petrolíferas inglesas e americanas.

2.4. Teses, insinuações da obra: pessimismo quanto à possibilidade de sociedades harmônicas, enquanto a avidez maximocrática dos seres humanos (ele aponta a mulher como o ponto vulnerável) e de governos e de empresas não forem submetidos a intercontrole universal.

3. Processamento. Crítica do resenhista.

3.1. O método de exposição é o literário, mais de cérebro direito, embora sobressaia muito o cérebro esquerdo com a sugestão de aplicação de conhecimentos científicos, sendo que o cérebro central é o mais pobre, mais ingênuo.

3.2. Paradigmas implicados: Em Dinâmica de Potencialidades há a presença forte da genética comandando a evolução, mas com a esperança de que a ciência viesse a corrigir as más tendências originais. Em Dinâmica Noônica e Individual é onde se dá a batalha crucial, pois crê o autor na programação familiar e ambiental precoce, orientada profilaticamente pela ciência e por uma droga "Moksha", para a criação da nova sociedade, subestimando a força determinante do mercado e negócios dominados pelos poderosos. Os princípios estão contidos num livro de notas do Velho Rajá: "Notas sobre o que é que".

Em Dinâmica Agendonômica ele se apoia na crença de que a tecnologia seria solução, num conflito entre a humanidade e a maquinidade, como se essa fosse melhor que seus inventores. Descarta o capitalismo ocidental e ridiculariza o comunismo soviético, limita a natalidade, o consumo e o trabalho, substituindo as empresas por cooperativas. Em Dinâmica de Grupo, suas teorias de poder e de Estado tendem mais ao anarquismo científico, à democracia ampla: “A Ilha é uma "Federação de Unidades geográficas, profissionais e econômicas auto governadas”, mas acaba mostrando que ela sucumbe perante os conflitos econômicos. Em Dinâmica Universal, substitui o anglicanismo calvinista (que assegurou a salvação da alma por meio do trabalho e da riqueza) por uma mescla de zen-budismo com estética, visando o desfrute, o que ele chamou de doutrina “Tantrik”.

### 3.3. Linguagem e Estilo.

O tema é estimulante, surpreendente e novo. Os símbolos são muito precisos, em forma de diálogos argutos, frases breves e conteúdo denso. Breve na descrição dos cenários, faz os personagens cruzarem-se alternadamente. Não há muita ação, mais descrição do experimento. Bastante repetitivo no tocante aos aspectos orientalistas. Pertence ao gênero ficção, utopia social, política e científica, na linha da República de Platão, Metamorfose de Ovídio, Paraíso Terrestre de Moisés, Utopia de Thomas Morus, Cidade do Sol de Campanella e Nova Atlântida de Bacon, Walden de Thoreau. Bacon e Morus são seus compatriotas. O Pequeno Príncipe e Fernão Capelo Gaivota poderiam ser habitantes de Pala.

Boa tradução, boa lingüística, estilo bastante dinâmico, original e culto.

## 4. Diagnóstico de temas tratados e omitidos.

4.1. PARENTESCO. Propõe família monogâmica.. Novos modelos de família são a base da Utopia. Há um Clube do Adoção Mútua. As crianças são encorajadas a emigrar para outros lares, provocando a emancipação. Controle de natalidade restrito, anticoncepcionais, inseminação artificial. A mística do sexo, "Maithuna", é aprendida através da Yoga do Amor. Seria sexo sem coito. Esta aprendizagem faz parte do currículo escolar do adolescente. Tem modelo para homem, mulher, criança, profissionais, etc. Todos são treinados como condutores. Mostra que a derrocada do modelo se deu pelo lado feminino. Omite-se quanto a organização urbana, divórcio; confia demasiado em seus métodos de condução da natureza humana. Apresenta a viuvez como uma forma de heroísmo, como sobrevivência da era vitoriana da fidelidade conjugal. Apresenta o homossexualismo como variante normal e natural de relacionamento.

4.2. SANITÁRIO. A profilaxia tem importância prioritária. Levam em conta que os males, não tem uma só causa ou para prevenir ou curar atacam todas as frentes, desde a dieta, auto-sugestão e meditação. É usada a hipnose e a psicoterapia. Aprendem a desprender-se da dor e da morte. Medicamentos a base de ervas e também químicos conduzem a passagem para a morte. Consciência do viver. Usam ritos de situações altamente perigosas para desenvolver a sensibilidade para a vida. Condena a medicina ocidental só alopática, super tecnicada. As crianças aprendem práticas preventivas. O subsistema sanitário é o fundamento do novo modelo pela concepção bioquímica do indivíduo, da saúde do comportamento. O guru da utopia é um médico.

4.3. MANUTENÇÃO. A alimentação é macrobiótica, com ritos místicos. Toda população tem a manutenção garantida. Distribuição através de cooperativa, eliminando o comércio. Garante que a escassez é eliminada pelo controle estrito da natalidade. O psicotrópico é usado a partir da adolescência. Poucos os viciados na Ilha. O vestuário é tropical, sem intenção de ocultar corpo ou sexo.

4.4. LEALDADE. A emancipação familiar é uma norma. A partir daí, a “busca do alguém” é uma decorrência natural. A felicidade abundante é propiciada a todos. Bastante implícito no tratamento do tema, analisado individualmente e não do ponto do vista grupal.

4.5. LAZER. O desfrute é uma constante. O sofrimento é controlado e todos vivem o "aqui e agora", conscientizados pelos “pássaros lembretes”. Esportes, só os não competitivos. A competição é colocada entre o homem e a natureza... Tipos felizes, tranquilos. Concepção paradisíaca, mito Mares do Sul... A natureza e a principal fonte de desfrute.

4.6. VIÁRIO. Bilingües. Na produção literária da Ilha é usado o inglês, língua necessária para sua comunicação com o mundo. Dá-se importância imensa a explicitação total de tudo, funcionando como terapia verbal e universal. Não existem assuntos tabus. Há um único jornal. Imprensa informativa que provoca reflexão. Moderado uso de veículos, sem preocupação de modernizar o transporte. Proibida a entrada de visitantes na Ilha. Uso de novo vocabulário para a nova realidade.

4.7. PEDAGÓGICO. A educação é globalizada e permanente. Começa na família e continua em centros educacionais. Frequência espontânea. A capacitação profissional é feita junto aos locais de trabalho. Educação sem escola. Centros experimentais de investigação permanentes. A meta, neste subsistema, é desenvolver harmoniosamente o adolescente e transformá-lo em adulto plenamente realizado. Recebe uma educação elementar onde aprende, através de Psicologia e Fisiologia, que cada um tem uma constituição singular e que todos diferem entre si. Recebe também uma educação transcendental por onde todos se sentiriam unificados, identificados entre si. Aprende a desenvolver suas funções mentais até o diagnóstico, individualmente. Busca de soluções e demais passos, aparece mais comunitariamente. Admite-se este modelo, porque Pala não é uma sociedade tecnológica e desenvolvimentista.

4.8. PATRIMONIAL. Adota padrão ouro, que a ilha produzia. Limitação da moeda e de propriedade. O cooperativismo é a forma de administração. Não há bancos, bolsas, nem especulação. O potencial de riquezas minerais, cobiçadas por estrangeiros, principalmente o petróleo, é explorado só para manutenção. Muito simplório em admitir este voto de pobreza alegre, sem um sistema (DG) que governe a ganância natural da pessoa, contando apenas com sua reeducação. É inadmissível uma ilha com um processo econômico não integrado, não alinhado em escala internacional. Só pode acontecer em uma utopia.

4.9. EXPLORAÇÃO DE RECURSOS. Desenvolveram novos métodos de produção primária através do Centro de Experimentação, um dos fundamentos da Ilha.. A industrialização é rejeitada e a exploração de recursos é limitada. O trabalho também é limitado, deixou de ser um fardo. Não há classes de patrões e empregados. Isso é possível pelo controle restrito de natalidade, aliviando a pressão desenvolvimentista ou modernizadora. Educação para a criatividade artística generalizada. É um utopia regressiva, de volta à natureza e à simplificação da busca de sobrevivência, o que evidentemente é impraticável. Fraco na questão econômica e da repartição do produto final. Não dá a conhecer a população e extensão da Ilha.

4.10 RELIGIOSO. Foi abolido e substituído por métodos orientais restritos a esfera micro-grupal. Ridiculariza a religiosidade anglicana, insinuando que é um meio de dominação esgrimado pelo Poder Civil. Estabelece diferença entre modelo religioso oriental e anglicano-ocidental. Apresentando uma proposta séria e profunda, com um senão: o uso de psicotrópicos como meio auxiliar para criar estados místicos.

4.11. SEGURANÇA. Uma ilha de paz, de bonzinhos, onde os distúrbios eram tratados pelo subsistemas de saúde, educacional e religioso. A polícia só para casos extremos. Nem exército, nem armas ou revolução. Os prováveis perturbadores eram detectados na infância., segundo sua biotipologia. Para tal se usavam testes e eletroencefalogramas. Os desajustados eram ajustados via educativa, eliminando assim a criminalidade. A debilidade do modelo aparece no final, ficando indefeso diante da invasão da Ilha pela ditadura capitalista e transnacional da Ilha vizinha.

4.12. ADMINISTRAÇÃO. O planejamento, a condução em cooperativismo, os poderes descentralizados, enfraqueceram a figura mãe e pai e suas recorrências no poder sacral e político. Parece uma alusão ao matriarcado e parlamentarismo inglês. Este modelo anárquico, lírico, foi vítima de si mesmo, pois lhes coibia defender-se de aventureiros internos e externos.

4.15. JURÍDICO. Elimina a burocracia política e jurídica. As normas estão contidas no “Que é o Que”. O infrator é julgado dentro do CAM, um tribunal popular. Não existem prisões. Não há constituição, nem lei escrita. As normas são vivenciadas e inculcadas nos centros educativos. É um modelo teocrático e genocrático oriental, supostamente correspondendo ao modelo causal ou natural dos seres, exposto pela ciência.

4.14. PRECEDÊNCIA. Conserva a monarquia hereditária, insinuando ser essa a causa da perdição dos “paleses”, num alusão ao modelo inglês de castas e títulos nobiliárquicos. Em Pala, tudo é igualitarista, simplicidade, e uma perigosa ausência do jogo triádico, de competitividade.

---

A obra é de amplitude global, profundamente crítica. Excelente como introdução crítica ao modelo anglo-americano protestante.

É uma obra de fins didáticos, ensinando os leitores a criticar seus modelos de sociedade e propor inovações para a conjuntura internacional, embora escrito antes da nova era da globalização.

5. Futurição. Com a queda da URSS e ascensão do império norte-americano, sem dúvida voltará a humanidade a sonhar com utopias que tornem a vida e o planeta mais suportáveis. “A Ilha” poderá voltar a ser fonte de inspiração.

6. A Quem se Recomenda.

Do ponto de vista global, interessa pela crítica que faz e que se pode cotejar com a realidade atual, inclusive pelo processo de mescla oriente-ocidente que vem acontecendo nas Américas. Para os diletantes é uma leitura agradável; para os estudiosos da mudança social é uma boa fonte de sugestões.

## RESENHA

1. Referência Bibliográfica: HUXLEY, Aldous. **A Ilha**. São Paulo, Civilização Brasileira, 1975.

1.1. Dados biográficos do autor: Descendente de uma família ilustre de pensadores e sábios, última floração do Império Britânico, onde aparece como subgrupo antioficial. Crítico ferino do Modelo Britânico e buscador pertinaz de novos caminhos para a Civilização, coerente com a busca de epigênese do Império Britânico. Negava que esta epigênese fosse Estados Unidos, socialismo ou nazismo. Sua vida e seus escritos refletem a crítica e a proposta do novo modelo, cujo fulcro seria a ciência aplicada na maximização de potencialidades do indivíduo. Daí suas experiências com maconha, LSD (Portas da Percepção), e o tipo de homem e de mulher que apresenta neste livro, que é uma antítese de seu *Brave New World*.

1.2. Resenhistas: Cléia Campos Mello e W. De Gregori.

2. Coleta de dados.

2.1. Assunto eixo: Utopia somando valores ocidentais e orientais.

2.2. Relativizações do conteúdo: Além de uma proposta de um novo modelo de civilização, o livro pode ser visto como uma crítica do Império Britânico e como uma futuração da fusão cultural oriente-ocidente.

2.3. Resumo.

O escritor apresenta uma utopia, tendo como paisagem a ilha de Pala, nos Mares do Sul. Usa como interlocutor um jornalista inglês, Will Farnaby, o qual, no encontro com diversos personagens, desde sua chegada à Ilha como náufrago, vai-se inteirando de um novo modelo de convivência. Esta reforma era resultante de um encontro entre o Velho Rajá, soberano da Ilha e um médico inglês Mac Phail, que reorganizaram a família, a forma de governo e sobrevivência, como também a condução para uma evolução espiritual somando a cultura ocidental e oriental. O experimento já se encontra na 5ª geração e, no momento, ameaçado pela ilha vizinha, capitalista, apoiada por companhias de Petróleo, que consegue introduzir-se na ilha, através de Rani, rainha de Pala e princesa do arquipélago de Rendang. Não havendo a rainha assimilado o novo modelo, foi fácil abordá-la por seus desequilíbrios - religiosidade, dominação do filho, aspiração à fama, progresso e riqueza.

O conflito entre o subgrupo da rainha e o subgrupo do novo modelo "palês", manejado por agentes externos, leva o experimento à derrota, sendo a ilha invadida pela ditadura militar capitalista vizinha, açulada pelas companhias petrolíferas inglesas e americanas.

2.4. Teses, insinuações da obra: pessimismo quanto à possibilidade de sociedades harmônicas, enquanto a avidez maximocrática dos seres humanos (ele aponta a mulher como o ponto vulnerável) e de governos e de empresas não forem submetidos a intercontrole universal.

3. Processamento. Crítica do resenhista.

3.1. O método de exposição é o literário, mais de cérebro direito, embora sobressaia muito o cérebro esquerdo com a sugestão de aplicação de conhecimentos científicos, sendo que o cérebro central é o mais pobre, mais ingênuo.

3.2. Paradigmas implicados: Em Dinâmica de Potencialidades há a presença forte da genética comandando a evolução, mas com a esperança de que a ciência viesse a corrigir as más tendências originais. Em Dinâmica Noônica e Individual é onde se dá a batalha crucial, pois crê o autor na programação familiar e ambiental precoce, orientada profilaticamente pela ciência e por uma droga "Moksha", para a criação da nova sociedade, subestimando a força determinante do mercado e negócios dominados pelos poderosos. Os princípios estão contidos num livro de notas do Velho Rajá: "Notas sobre o que é que".

Em Dinâmica Agendonômica ele se apoia na crença de que a tecnologia seria solução, num conflito entre a humanidade e a maquinidade, como se essa fosse melhor que seus inventores. Descarta o capitalismo ocidental e ridiculariza o comunismo soviético, limita a natalidade, o consumo e o trabalho, substituindo as empresas por cooperativas. Em Dinâmica de Grupo, suas teorias de poder e de Estado tendem mais ao anarquismo científico, à democracia ampla: “A Ilha é uma "Federação de Unidades geográficas, profissionais e econômicas auto governadas”, mas acaba mostrando que ela sucumbe perante os conflitos econômicos. Em Dinâmica Universal, substitui o anglicanismo calvinista (que assegurou a salvação da alma por meio do trabalho e da riqueza) por uma mescla de zen-budismo com estética, visando o desfrute, o que ele chamou de doutrina “Tantrik”.

### 3.3. Linguagem e Estilo.

O tema é estimulante, surpreendente e novo. Os símbolos são muito precisos, em forma de diálogos argutos, frases breves e conteúdo denso. Breve na descrição dos cenários, faz os personagens cruzarem-se alternadamente. Não há muita ação, mais descrição do experimento. Bastante repetitivo no tocante aos aspectos orientalistas. Pertence ao gênero ficção, utopia social, política e científica, na linha da República de Platão, Metamorfose de Ovídio, Paraíso Terrestre de Moisés, Utopia de Thomas Morus, Cidade do Sol de Campanella e Nova Atlântida de Bacon, Walden de Thoreau. Bacon e Morus são seus compatriotas. O Pequeno Príncipe e Fernão Capelo Gaivota poderiam ser habitantes de Pala.

Boa tradução, boa lingüística, estilo bastante dinâmico, original e culto.

## 4. Diagnóstico de temas tratados e omitidos.

4.1. PARENTESCO. Propõe família monogâmica.. Novos modelos de família são a base da Utopia. Há um Clube do Adoção Mútua. As crianças são encorajadas a emigrar para outros lares, provocando a emancipação. Controle de natalidade restrito, anticoncepcionais, inseminação artificial. A mística do sexo, "Maithuna", é aprendida através da Yoga do Amor. Seria sexo sem coito. Esta aprendizagem faz parte do currículo escolar do adolescente. Tem modelo para homem, mulher, criança, profissionais, etc. Todos são treinados como condutores. Mostra que a derrocada do modelo se deu pelo lado feminino. Omite-se quanto a organização urbana, divórcio; confia demasiado em seus métodos de condução da natureza humana. Apresenta a viuvez como uma forma de heroísmo, como sobrevivência da era vitoriana da fidelidade conjugal. Apresenta o homossexualismo como variante normal e natural de relacionamento.

4.2. SANITÁRIO. A profilaxia tem importância prioritária. Levam em conta que os males, não tem uma só causa ou para prevenir ou curar atacam todas as frentes, desde a dieta, auto-sugestão e meditação. É usada a hipnose e a psicoterapia. Aprendem a desprender-se da dor e da morte. Medicamentos a base de ervas e também químicos conduzem a passagem para a morte. Consciência do viver. Usam ritos de situações altamente perigosas para desenvolver a sensibilidade para a vida. Condena a medicina ocidental só alopática, super tecnicada. As crianças aprendem práticas preventivas. O subsistema sanitário é o fundamento do novo modelo pela concepção bioquímica do indivíduo, da saúde do comportamento. O guru da utopia é um médico.

4.3. MANUTENÇÃO. A alimentação é macrobiótica, com ritos místicos. Toda população tem a manutenção garantida. Distribuição através de cooperativa, eliminando o comércio. Garante que a escassez é eliminada pelo controle estrito da natalidade. O psicotrópico é usado a partir da adolescência. Poucos os viciados na Ilha. O vestuário é tropical, sem intenção de ocultar corpo ou sexo.

4.4. LEALDADE. A emancipação familiar é uma norma. A partir daí, a “busca do alguém” é uma decorrência natural. A felicidade abundante é propiciada a todos. Bastante implícito no tratamento do tema, analisado individualmente e não do ponto do vista grupal.

4.5. LAZER. O desfrute é uma constante. O sofrimento é controlado e todos vivem o "aqui e agora", conscientizados pelos “pássaros lembretes”. Esportes, só os não competitivos. A competição é colocada entre o homem e a natureza... Tipos felizes, tranqüilos. Concepção paradisíaca, mito Mares do Sul... A natureza e a principal fonte de desfrute.

4.6. VIÁRIO. Bilingües. Na produção literária da Ilha é usado o inglês, língua necessária para sua comunicação com o mundo. Dá-se importância imensa a explicitação total de tudo, funcionando como terapia verbal e universal. Não existem assuntos tabus. Há um único jornal. Imprensa informativa que provoca reflexão. Moderado uso de veículos, sem preocupação de modernizar o transporte. Proibida a entrada de visitantes na Ilha. Uso de novo vocabulário para a nova realidade.

4.7. PEDAGÓGICO. A educação é globalizada e permanente. Começa na família e continua em centros educacionais. Freqüência espontânea. A capacitação profissional é feita junto aos locais de trabalho. Educação sem escola. Centros experimentais de investigação permanentes. A meta, neste subsistema, é desenvolver harmoniosamente o adolescente e transformá-lo em adulto plenamente realizado. Recebe uma educação elementar onde aprende, através de Psicologia e Fisiologia, que cada um tem uma constituição singular e que todos diferem entre si. Recebe também uma educação transcendental por onde todos se sentiriam unificados, identificados entre si. Aprende a desenvolver suas funções mentais até o diagnóstico, individualmente. Busca de soluções e demais passos, aparece mais comunitariamente. Admite-se este modelo, porque Pala não é uma sociedade tecnológica e desenvolvimentista.

4.8. PATRIMONIAL. Adota padrão ouro, que a ilha produzia. Limitação da moeda e de propriedade. O cooperativismo é a forma de administração. Não há bancos, bolsas, nem especulação. O potencial de riquezas minerais, cobiçadas por estrangeiros, principalmente o petróleo, é explorado só para manutenção. Muito simplório em admitir este voto de pobreza alegre, sem um sistema (DG) que governe a ganância natural da pessoa, contando apenas com sua reeducação. É inadmissível uma ilha com um processo econômico não integrado, não alinhado em escala internacional. Só pode acontecer em uma utopia.

4.9. EXPLORAÇÃO DE RECURSOS. Desenvolveram novos métodos de produção primária através do Centro de Experimentação, um dos fundamentos da Ilha.. A industrialização é rejeitada e a exploração de recursos é limitada. O trabalho também é limitado, deixou de ser um fardo. Não há classes de patrões e empregados. Isso é possível pelo controle restrito de natalidade, aliviando a pressão desenvolvimentista ou modernizadora. Educação para a criatividade artística generalizada. É um utopia regressiva, de volta à natureza e à simplificação da busca de sobrevivência, o que evidentemente é impraticável. Fraco na questão econômica e da repartição do produto final. Não dá a conhecer a população e extensão da Ilha.

4.10 RELIGIOSO. Foi abolido e substituído por métodos orientais restritos a esfera micro-grupal. Ridiculariza a religiosidade anglicana, insinuando que é um meio de dominação esgrimado pelo Poder Civil. Estabelece diferença entre modelo religioso oriental e anglicano-ocidental. Apresentando uma proposta séria e profunda, com um senão: o uso de psicotrópicos como meio auxiliar para criar estados místicos.

4.11. SEGURANÇA. Uma ilha de paz, de bonzinhos, onde os distúrbios eram tratados pelo subsistemas de saúde, educacional e religioso. A polícia só para casos extremos. Nem exército, nem armas ou revolução. Os prováveis perturbadores eram detectados na infância., segundo sua biotipologia. Para tal se usavam testes e eletroencefalogramas. Os desajustados eram ajustados via educativa, eliminando assim a criminalidade. A debilidade do modelo aparece no final, ficando indefeso diante da invasão da Ilha pela ditadura capitalista e transnacional da Ilha vizinha.

4.12. ADMINISTRAÇÃO. O planejamento, a condução em cooperativismo, os poderes descentralizados, enfraqueceram a figura mãe e pai e suas recorrências no poder sacral e político. Parece uma alusão ao matriarcado e parlamentarismo inglês. Este modelo anárquico, lírico, foi vítima de si mesmo, pois lhes coibia defender-se de aventureiros internos e externos.

4.15. JURÍDICO. Elimina a burocracia política e jurídica. As normas estão contidas no “Que é o Que”. O infrator é julgado dentro do CAM, um tribunal popular. Não existem prisões. Não há constituição, nem lei escrita. As normas são vivenciadas e inculcadas nos centros educativos. É um modelo teocrático e genocrático oriental, supostamente correspondendo ao modelo causal ou natural dos seres, exposto pela ciência.

4.14. PRECEDÊNCIA. Conserva a monarquia hereditária, insinuando ser essa a causa da perdição dos “paleses”, num alusão ao modelo inglês de castas e títulos nobiliárquicos. Em Pala, tudo é igualitarista, simplicidade, e uma perigosa ausência do jogo triádico, de competitividade.

---

A obra é de amplitude global, profundamente crítica. Excelente como introdução crítica ao modelo anglo-americano protestante.

É uma obra de fins didáticos, ensinando os leitores a criticar seus modelos de sociedade e propor inovações para a conjuntura internacional, embora escrito antes da nova era da globalização.

5. Futurição. Com a queda da URSS e ascensão do império norte-americano, sem dúvida voltará a humanidade a sonhar com utopias que tornem a vida e o planeta mais suportáveis. “A Ilha” poderá voltar a ser fonte de inspiração.

6. A Quem se Recomenda.

Do ponto de vista global, interessa pela crítica que faz e que se pode cotejar com a realidade atual, inclusive pelo processo de mescla oriente-ocidente que vem acontecendo nas Américas. Para os diletantes é uma leitura agradável; para os estudiosos da mudança social é uma boa fonte de sugestões.

## RESENHA

1. Referência Bibliográfica: HUXLEY, Aldous. **A Ilha**. São Paulo, Civilização Brasileira, 1975.

1.1. Dados biográficos do autor: Descendente de uma família ilustre de pensadores e sábios, última floração do Império Britânico, onde aparece como subgrupo antioficial. Crítico ferino do Modelo Britânico e buscador pertinaz de novos caminhos para a Civilização, coerente com a busca de epigênese do Império Britânico. Negava que esta epigênese fosse Estados Unidos, socialismo ou nazismo. Sua vida e seus escritos refletem a crítica e a proposta do novo modelo, cujo fulcro seria a ciência aplicada na maximização de potencialidades do indivíduo. Daí suas experiências com maconha, LSD (Portas da Percepção), e o tipo de homem e de mulher que apresenta neste livro, que é uma antítese de seu *Brave New World*.

1.2. Resenhistas: Cléia Campos Mello e W. De Gregori.

2. Coleta de dados.

2.1. Assunto eixo: Utopia somando valores ocidentais e orientais.

2.2. Relativizações do conteúdo: Além de uma proposta de um novo modelo de civilização, o livro pode ser visto como uma crítica do Império Britânico e como uma futuração da fusão cultural oriente-ocidente.

2.3. Resumo.

O escritor apresenta uma utopia, tendo como paisagem a ilha de Pala, nos Mares do Sul. Usa como interlocutor um jornalista inglês, Will Farnaby, o qual, no encontro com diversos personagens, desde sua chegada à Ilha como náufrago, vai-se inteirando de um novo modelo de convivência. Esta reforma era resultante de um encontro entre o Velho Rajá, soberano da Ilha e um médico inglês Mac Phail, que reorganizaram a família, a forma de governo e sobrevivência, como também a condução para uma evolução espiritual somando a cultura ocidental e oriental. O experimento já se encontra na 5ª geração e, no momento, ameaçado pela ilha vizinha, capitalista, apoiada por companhias de Petróleo, que consegue introduzir-se na ilha, através de Rani, rainha de Pala e princesa do arquipélago de Rendang. Não havendo a rainha assimilado o novo modelo, foi fácil abordá-la por seus desequilíbrios - religiosidade, dominação do filho, aspiração à fama, progresso e riqueza.

O conflito entre o subgrupo da rainha e o subgrupo do novo modelo "palês", manejado por agentes externos, leva o experimento à derrota, sendo a ilha invadida pela ditadura militar capitalista vizinha, açulada pelas companhias petrolíferas inglesas e americanas.

2.4. Teses, insinuações da obra: pessimismo quanto à possibilidade de sociedades harmônicas, enquanto a avidez maximocrática dos seres humanos (ele aponta a mulher como o ponto vulnerável) e de governos e de empresas não forem submetidos a intercontrole universal.

3. Processamento. Crítica do resenhista.

3.1. O método de exposição é o literário, mais de cérebro direito, embora sobressaia muito o cérebro esquerdo com a sugestão de aplicação de conhecimentos científicos, sendo que o cérebro central é o mais pobre, mais ingênuo.

3.2. Paradigmas implicados: Em Dinâmica de Potencialidades há a presença forte da genética comandando a evolução, mas com a esperança de que a ciência viesse a corrigir as más tendências originais. Em Dinâmica Noônica e Individual é onde se dá a batalha crucial, pois crê o autor na programação familiar e ambiental precoce, orientada profilaticamente pela ciência e por uma droga "Moksha", para a criação da nova sociedade, subestimando a força determinante do mercado e negócios dominados pelos poderosos. Os princípios estão contidos num livro de notas do Velho Rajá: "Notas sobre o que é que".

Em Dinâmica Agendonômica ele se apoia na crença de que a tecnologia seria solução, num conflito entre a humanidade e a maquinidade, como se essa fosse melhor que seus inventores. Descarta o capitalismo ocidental e ridiculariza o comunismo soviético, limita a natalidade, o consumo e o trabalho, substituindo as empresas por cooperativas. Em Dinâmica de Grupo, suas teorias de poder e de Estado tendem mais ao anarquismo científico, à democracia ampla: “A Ilha é uma "Federação de Unidades geográficas, profissionais e econômicas auto governadas”, mas acaba mostrando que ela sucumbe perante os conflitos econômicos. Em Dinâmica Universal, substitui o anglicanismo calvinista (que assegurou a salvação da alma por meio do trabalho e da riqueza) por uma mescla de zen-budismo com estética, visando o desfrute, o que ele chamou de doutrina “Tantrik”.

### 3.3. Linguagem e Estilo.

O tema é estimulante, surpreendente e novo. Os símbolos são muito precisos, em forma de diálogos argutos, frases breves e conteúdo denso. Breve na descrição dos cenários, faz os personagens cruzarem-se alternadamente. Não há muita ação, mais descrição do experimento. Bastante repetitivo no tocante aos aspectos orientalistas. Pertence ao gênero ficção, utopia social, política e científica, na linha da República de Platão, Metamorfose de Ovídio, Paraíso Terrestre de Moisés, Utopia de Thomas Morus, Cidade do Sol de Campanella e Nova Atlântida de Bacon, Walden de Thoreau. Bacon e Morus são seus compatriotas. O Pequeno Príncipe e Fernão Capelo Gaivota poderiam ser habitantes de Pala.

Boa tradução, boa lingüística, estilo bastante dinâmico, original e culto.

## 4. Diagnóstico de temas tratados e omitidos.

4.1. PARENTESCO. Propõe família monogâmica.. Novos modelos de família são a base da Utopia. Há um Clube do Adoção Mútua. As crianças são encorajadas a emigrar para outros lares, provocando a emancipação. Controle de natalidade restrito, anticoncepcionais, inseminação artificial. A mística do sexo, "Maithuna", é aprendida através da Yoga do Amor. Seria sexo sem coito. Esta aprendizagem faz parte do currículo escolar do adolescente. Tem modelo para homem, mulher, criança, profissionais, etc. Todos são treinados como condutores. Mostra que a derrocada do modelo se deu pelo lado feminino. Omite-se quanto a organização urbana, divórcio; confia demasiado em seus métodos de condução da natureza humana. Apresenta a viuvez como uma forma de heroísmo, como sobrevivência da era vitoriana da fidelidade conjugal. Apresenta o homossexualismo como variante normal e natural de relacionamento.

4.2. SANITÁRIO. A profilaxia tem importância prioritária. Levam em conta que os males, não tem uma só causa ou para prevenir ou curar atacam todas as frentes, desde a dieta, auto-sugestão e meditação. É usada a hipnose e a psicoterapia. Aprendem a desprender-se da dor e da morte. Medicamentos a base de ervas e também químicos conduzem a passagem para a morte. Consciência do viver. Usam ritos de situações altamente perigosas para desenvolver a sensibilidade para a vida. Condena a medicina ocidental só alopática, super tecnificada. As crianças aprendem práticas preventivas. O subsistema sanitário é o fundamento do novo modelo pela concepção bioquímica do indivíduo, da saúde do comportamento. O guru da utopia é um médico.

4.3. MANUTENÇÃO. A alimentação é macrobiótica, com ritos místicos. Toda população tem a manutenção garantida. Distribuição através de cooperativa, eliminando o comércio. Garante que a escassez é eliminada pelo controle estrito da natalidade. O psicotrópico é usado a partir da adolescência. Poucos os viciados na Ilha. O vestuário é tropical, sem intenção de ocultar corpo ou sexo.

4.4. LEALDADE. A emancipação familiar é uma norma. A partir daí, a “busca do alguém” é uma decorrência natural. A felicidade abundante é propiciada a todos. Bastante implícito no tratamento do tema, analisado individualmente e não do ponto do vista grupal.

4.5. LAZER. O desfrute é uma constante. O sofrimento é controlado e todos vivem o "aqui e agora", conscientizados pelos “pássaros lembretes”. Esportes, só os não competitivos. A competição é colocada entre o homem e a natureza... Tipos felizes, tranquilos. Concepção paradisíaca, mito Mares do Sul... A natureza e a principal fonte de desfrute.

4.6. VIÁRIO. Bilingües. Na produção literária da Ilha é usado o inglês, língua necessária para sua comunicação com o mundo. Dá-se importância imensa a explicitação total de tudo, funcionando como terapia verbal e universal. Não existem assuntos tabus. Há um único jornal. Imprensa informativa que provoca reflexão. Moderado uso de veículos, sem preocupação de modernizar o transporte. Proibida a entrada de visitantes na Ilha. Uso de novo vocabulário para a nova realidade.

4.7. PEDAGÓGICO. A educação é globalizada e permanente. Começa na família e continua em centros educacionais. Freqüência espontânea. A capacitação profissional é feita junto aos locais de trabalho. Educação sem escola. Centros experimentais de investigação permanentes. A meta, neste subsistema, é desenvolver harmoniosamente o adolescente e transformá-lo em adulto plenamente realizado. Recebe uma educação elementar onde aprende, através de Psicologia e Fisiologia, que cada um tem uma constituição singular e que todos diferem entre si. Recebe também uma educação transcendental por onde todos se sentiriam unificados, identificados entre si. Aprende a desenvolver suas funções mentais até o diagnóstico, individualmente. Busca de soluções e demais passos, aparece mais comunitariamente. Admite-se este modelo, porque Pala não é uma sociedade tecnológica e desenvolvimentista.

4.8. PATRIMONIAL. Adota padrão ouro, que a ilha produzia. Limitação da moeda e de propriedade. O cooperativismo é a forma de administração. Não há bancos, bolsas, nem especulação. O potencial de riquezas minerais, cobiçadas por estrangeiros, principalmente o petróleo, é explorado só para manutenção. Muito simplório em admitir este voto de pobreza alegre, sem um sistema (DG) que governe a ganância natural da pessoa, contando apenas com sua reeducação. É inadmissível uma ilha com um processo econômico não integrado, não alinhado em escala internacional. Só pode acontecer em uma utopia.

4.9. EXPLORAÇÃO DE RECURSOS. Desenvolveram novos métodos de produção primária através do Centro de Experimentação, um dos fundamentos da Ilha.. A industrialização é rejeitada e a exploração de recursos é limitada. O trabalho também é limitado, deixou de ser um fardo. Não há classes de patrões e empregados. Isso é possível pelo controle restrito de natalidade, aliviando a pressão desenvolvimentista ou modernizadora. Educação para a criatividade artística generalizada. É um utopia regressiva, de volta à natureza e à simplificação da busca de sobrevivência, o que evidentemente é impraticável. Fraco na questão econômica e da repartição do produto final. Não dá a conhecer a população e extensão da Ilha.

4.10 RELIGIOSO. Foi abolido e substituído por métodos orientais restritos a esfera micro-grupal. Ridiculariza a religiosidade anglicana, insinuando que é um meio de dominação esgrimado pelo Poder Civil. Estabelece diferença entre modelo religioso oriental e anglicano-ocidental. Apresentando uma proposta séria e profunda, com um senão: o uso de psicotrópicos como meio auxiliar para criar estados místicos.

4.11. SEGURANÇA. Uma ilha de paz, de bonzinhos, onde os distúrbios eram tratados pelo subsistemas de saúde, educacional e religioso. A polícia só para casos extremos. Nem exército, nem armas ou revolução. Os prováveis perturbadores eram detectados na infância., segundo sua biotipologia. Para tal se usavam testes e eletroencefalogramas. Os desajustados eram ajustados via educativa, eliminando assim a criminalidade. A debilidade do modelo aparece no final, ficando indefeso diante da invasão da Ilha pela ditadura capitalista e transnacional da Ilha vizinha.

4.12. ADMINISTRAÇÃO. O planejamento, a condução em cooperativismo, os poderes descentralizados, enfraqueceram a figura mãe e pai e suas recorrências no poder sacral e político. Parece uma alusão ao matriarcado e parlamentarismo inglês. Este modelo anárquico, lírico, foi vítima de si mesmo, pois lhes coibia defender-se de aventureiros internos e externos.

4.15. JURÍDICO. Elimina a burocracia política e jurídica. As normas estão contidas no “Que é o Que”. O infrator é julgado dentro do CAM, um tribunal popular. Não existem prisões. Não há constituição, nem lei escrita. As normas são vivenciadas e inculcadas nos centros educativos. É um modelo teocrático e genocrático oriental, supostamente correspondendo ao modelo causal ou natural dos seres, exposto pela ciência.

4.14. PRECEDÊNCIA. Conserva a monarquia hereditária, insinuando ser essa a causa da perdição dos “paleses”, num alusão ao modelo inglês de castas e títulos nobiliárquicos. Em Pala, tudo é igualitarista, simplicidade, e uma perigosa ausência do jogo triádico, de competitividade.

---

A obra é de amplitude global, profundamente crítica. Excelente como introdução crítica ao modelo anglo-americano protestante.

É uma obra de fins didáticos, ensinando os leitores a criticar seus modelos de sociedade e propor inovações para a conjuntura internacional, embora escrito antes da nova era da globalização.

5. Futurição. Com a queda da URSS e ascensão do império norte-americano, sem dúvida voltará a humanidade a sonhar com utopias que tornem a vida e o planeta mais suportáveis. “A Ilha” poderá voltar a ser fonte de inspiração.

6. A Quem se Recomenda.

Do ponto de vista global, interessa pela crítica que faz e que se pode cotejar com a realidade atual, inclusive pelo processo de mescla oriente-ocidente que vem acontecendo nas Américas. Para os diletantes é uma leitura agradável; para os estudiosos da mudança social é uma boa fonte de sugestões.

## RESENHA

1. Referência Bibliográfica: HUXLEY, Aldous. **A Ilha**. São Paulo, Civilização Brasileira, 1975.

1.1. Dados biográficos do autor: Descendente de uma família ilustre de pensadores e sábios, última floração do Império Britânico, onde aparece como subgrupo antioficial. Crítico ferino do Modelo Britânico e buscador pertinaz de novos caminhos para a Civilização, coerente com a busca de epigênese do Império Britânico. Negava que esta epigênese fosse Estados Unidos, socialismo ou nazismo. Sua vida e seus escritos refletem a crítica e a proposta do novo modelo, cujo fulcro seria a ciência aplicada na maximização de potencialidades do indivíduo. Daí suas experiências com maconha, LSD (Portas da Percepção), e o tipo de homem e de mulher que apresenta neste livro, que é uma antítese de seu *Brave New World*.

1.2. Resenhistas: Cléia Campos Mello e W. De Gregori.

2. Coleta de dados.

2.1. Assunto eixo: Utopia somando valores ocidentais e orientais.

2.2. Relativizações do conteúdo: Além de uma proposta de um novo modelo de civilização, o livro pode ser visto como uma crítica do Império Britânico e como uma futuração da fusão cultural oriente-ocidente.

2.3. Resumo.

O escritor apresenta uma utopia, tendo como paisagem a ilha de Pala, nos Mares do Sul. Usa como interlocutor um jornalista inglês, Will Farnaby, o qual, no encontro com diversos personagens, desde sua chegada à Ilha como náufrago, vai-se inteirando de um novo modelo de convivência. Esta reforma era resultante de um encontro entre o Velho Rajá, soberano da Ilha e um médico inglês Mac Phail, que reorganizaram a família, a forma de governo e sobrevivência, como também a condução para uma evolução espiritual somando a cultura ocidental e oriental. O experimento já se encontra na 5ª geração e, no momento, ameaçado pela ilha vizinha, capitalista, apoiada por companhias de Petróleo, que consegue introduzir-se na ilha, através de Rani, rainha de Pala e princesa do arquipélago de Rendang. Não havendo a rainha assimilado o novo modelo, foi fácil abordá-la por seus desequilíbrios - religiosidade, dominação do filho, aspiração à fama, progresso e riqueza.

O conflito entre o subgrupo da rainha e o subgrupo do novo modelo "palês", manejado por agentes externos, leva o experimento à derrota, sendo a ilha invadida pela ditadura militar capitalista vizinha, açulada pelas companhias petrolíferas inglesas e americanas.

2.4. Teses, insinuações da obra: pessimismo quanto à possibilidade de sociedades harmônicas, enquanto a avidez maximocrática dos seres humanos (ele aponta a mulher como o ponto vulnerável) e de governos e de empresas não forem submetidos a intercontrole universal.

3. Processamento. Crítica do resenhista.

3.1. O método de exposição é o literário, mais de cérebro direito, embora sobressaia muito o cérebro esquerdo com a sugestão de aplicação de conhecimentos científicos, sendo que o cérebro central é o mais pobre, mais ingênuo.

3.2. Paradigmas implicados: Em Dinâmica de Potencialidades há a presença forte da genética comandando a evolução, mas com a esperança de que a ciência viesse a corrigir as más tendências originais. Em Dinâmica Noônica e Individual é onde se dá a batalha crucial, pois crê o autor na programação familiar e ambiental precoce, orientada profilaticamente pela ciência e por uma droga "Moksha", para a criação da nova sociedade, subestimando a força determinante do mercado e negócios dominados pelos poderosos. Os princípios estão contidos num livro de notas do Velho Rajá: "Notas sobre o que é que".

Em Dinâmica Agendonômica ele se apoia na crença de que a tecnologia seria solução, num conflito entre a humanidade e a maquinidade, como se essa fosse melhor que seus inventores. Descarta o capitalismo ocidental e ridiculariza o comunismo soviético, limita a natalidade, o consumo e o trabalho, substituindo as empresas por cooperativas. Em Dinâmica de Grupo, suas teorias de poder e de Estado tendem mais ao anarquismo científico, à democracia ampla: “A Ilha é uma "Federação de Unidades geográficas, profissionais e econômicas auto governadas”, mas acaba mostrando que ela sucumbe perante os conflitos econômicos. Em Dinâmica Universal, substitui o anglicanismo calvinista (que assegurou a salvação da alma por meio do trabalho e da riqueza) por uma mescla de zen-budismo com estética, visando o desfrute, o que ele chamou de doutrina “Tantrik”.

### 3.3. Linguagem e Estilo.

O tema é estimulante, surpreendente e novo. Os símbolos são muito precisos, em forma de diálogos argutos, frases breves e conteúdo denso. Breve na descrição dos cenários, faz os personagens cruzarem-se alternadamente. Não há muita ação, mais descrição do experimento. Bastante repetitivo no tocante aos aspectos orientalistas. Pertence ao gênero ficção, utopia social, política e científica, na linha da República de Platão, Metamorfose de Ovídio, Paraíso Terrestre de Moisés, Utopia de Thomas Morus, Cidade do Sol de Campanella e Nova Atlântida de Bacon, Walden de Thoreau. Bacon e Morus são seus compatriotas. O Pequeno Príncipe e Fernão Capelo Gaivota poderiam ser habitantes de Pala.

Boa tradução, boa lingüística, estilo bastante dinâmico, original e culto.

## 4. Diagnóstico de temas tratados e omitidos.

4.1. PARENTESCO. Propõe família monogâmica.. Novos modelos de família são a base da Utopia. Há um Clube do Adoção Mútua. As crianças são encorajadas a emigrar para outros lares, provocando a emancipação. Controle de natalidade restrito, anticoncepcionais, inseminação artificial. A mística do sexo, "Maithuna", é aprendida através da Yoga do Amor. Seria sexo sem coito. Esta aprendizagem faz parte do currículo escolar do adolescente. Tem modelo para homem, mulher, criança, profissionais, etc. Todos são treinados como condutores. Mostra que a derrocada do modelo se deu pelo lado feminino. Omite-se quanto a organização urbana, divórcio; confia demasiado em seus métodos de condução da natureza humana. Apresenta a viuvez como uma forma de heroísmo, como sobrevivência da era vitoriana da fidelidade conjugal. Apresenta o homossexualismo como variante normal e natural de relacionamento.

4.2. SANITÁRIO. A profilaxia tem importância prioritária. Levam em conta que os males, não tem uma só causa ou para prevenir ou curar atacam todas as frentes, desde a dieta, auto-sugestão e meditação. É usada a hipnose e a psicoterapia. Aprendem a desprender-se da dor e da morte. Medicamentos a base de ervas e também químicos conduzem a passagem para a morte. Consciência do viver. Usam ritos de situações altamente perigosas para desenvolver a sensibilidade para a vida. Condena a medicina ocidental só alopática, super tecnicizada. As crianças aprendem práticas preventivas. O subsistema sanitário é o fundamento do novo modelo pela concepção bioquímica do indivíduo, da saúde do comportamento. O guru da utopia é um médico.

4.3. MANUTENÇÃO. A alimentação é macrobiótica, com ritos místicos. Toda população tem a manutenção garantida. Distribuição através de cooperativa, eliminando o comércio. Garante que a escassez é eliminada pelo controle estrito da natalidade. O psicotrópico é usado a partir da adolescência. Poucos os viciados na Ilha. O vestuário é tropical, sem intenção de ocultar corpo ou sexo.

4.4. LEALDADE. A emancipação familiar é uma norma. A partir daí, a “busca do alguém” é uma decorrência natural. A felicidade abundante é propiciada a todos. Bastante implícito no tratamento do tema, analisado individualmente e não do ponto do vista grupal.

4.5. LAZER. O desfrute é uma constante. O sofrimento é controlado e todos vivem o "aqui e agora", conscientizados pelos “pássaros lembretes”. Esportes, só os não competitivos. A competição é colocada entre o homem e a natureza... Tipos felizes, tranquilos. Concepção paradisíaca, mito Mares do Sul... A natureza e a principal fonte de desfrute.

4.6. VIÁRIO. Bilingües. Na produção literária da Ilha é usado o inglês, língua necessária para sua comunicação com o mundo. Dá-se importância imensa a explicitação total de tudo, funcionando como terapia verbal e universal. Não existem assuntos tabus. Há um único jornal. Imprensa informativa que provoca reflexão. Moderado uso de veículos, sem preocupação de modernizar o transporte. Proibida a entrada de visitantes na Ilha. Uso de novo vocabulário para a nova realidade.

4.7. PEDAGÓGICO. A educação é globalizada e permanente. Começa na família e continua em centros educacionais. Frequência espontânea. A capacitação profissional é feita junto aos locais de trabalho. Educação sem escola. Centros experimentais de investigação permanentes. A meta, neste subsistema, é desenvolver harmoniosamente o adolescente e transformá-lo em adulto plenamente realizado. Recebe uma educação elementar onde aprende, através de Psicologia e Fisiologia, que cada um tem uma constituição singular e que todos diferem entre si. Recebe também uma educação transcendental por onde todos se sentiriam unificados, identificados entre si. Aprende a desenvolver suas funções mentais até o diagnóstico, individualmente. Busca de soluções e demais passos, aparece mais comunitariamente. Admite-se este modelo, porque Pala não é uma sociedade tecnológica e desenvolvimentista.

4.8. PATRIMONIAL. Adota padrão ouro, que a ilha produzia. Limitação da moeda e de propriedade. O cooperativismo é a forma de administração. Não há bancos, bolsas, nem especulação. O potencial de riquezas minerais, cobiçadas por estrangeiros, principalmente o petróleo, é explorado só para manutenção. Muito simplório em admitir este voto de pobreza alegre, sem um sistema (DG) que governe a ganância natural da pessoa, contando apenas com sua reeducação. É inadmissível uma ilha com um processo econômico não integrado, não alinhado em escala internacional. Só pode acontecer em uma utopia.

4.9. EXPLORAÇÃO DE RECURSOS. Desenvolveram novos métodos de produção primária através do Centro de Experimentação, um dos fundamentos da Ilha.. A industrialização é rejeitada e a exploração de recursos é limitada. O trabalho também é limitado, deixou de ser um fardo. Não há classes de patrões e empregados. Isso é possível pelo controle restrito de natalidade, aliviando a pressão desenvolvimentista ou modernizadora. Educação para a criatividade artística generalizada. É um utopia regressiva, de volta à natureza e à simplificação da busca de sobrevivência, o que evidentemente é impraticável. Fraco na questão econômica e da repartição do produto final. Não dá a conhecer a população e extensão da Ilha.

4.10 RELIGIOSO. Foi abolido e substituído por métodos orientais restritos a esfera micro-grupal. Ridiculariza a religiosidade anglicana, insinuando que é um meio de dominação esgrimado pelo Poder Civil. Estabelece diferença entre modelo religioso oriental e anglicano-ocidental. Apresentando uma proposta séria e profunda, com um senão: o uso de psicotrópicos como meio auxiliar para criar estados místicos.

4.11. SEGURANÇA. Uma ilha de paz, de bonzinhos, onde os distúrbios eram tratados pelo subsistemas de saúde, educacional e religioso. A polícia só para casos extremos. Nem exército, nem armas ou revolução. Os prováveis perturbadores eram detectados na infância., segundo sua biotipologia. Para tal se usavam testes e eletroencefalogramas. Os desajustados eram ajustados via educativa, eliminando assim a criminalidade. A debilidade do modelo aparece no final, ficando indefeso diante da invasão da Ilha pela ditadura capitalista e transnacional da Ilha vizinha.

4.12. ADMINISTRAÇÃO. O planejamento, a condução em cooperativismo, os poderes descentralizados, enfraqueceram a figura mãe e pai e suas recorrências no poder sacral e político. Parece uma alusão ao matriarcado e parlamentarismo inglês. Este modelo anárquico, lírico, foi vítima de si mesmo, pois lhes coibia defender-se de aventureiros internos e externos.

4.15. JURÍDICO. Elimina a burocracia política e jurídica. As normas estão contidas no “Que é o Que”. O infrator é julgado dentro do CAM, um tribunal popular. Não existem prisões. Não há constituição, nem lei escrita. As normas são vivenciadas e inculcadas nos centros educativos. É um modelo teocrático e genocrático oriental, supostamente correspondendo ao modelo causal ou natural dos seres, exposto pela ciência.

4.14. PRECEDÊNCIA. Conserva a monarquia hereditária, insinuando ser essa a causa da perdição dos “paleses”, num alusão ao modelo inglês de castas e títulos nobiliárquicos. Em Pala, tudo é igualitarista, simplicidade, e uma perigosa ausência do jogo triádico, de competitividade.

---

A obra é de amplitude global, profundamente crítica. Excelente como introdução crítica ao modelo anglo-americano protestante.

É uma obra de fins didáticos, ensinando os leitores a criticar seus modelos de sociedade e propor inovações para a conjuntura internacional, embora escrito antes da nova era da globalização.

5. Futurição. Com a queda da URSS e ascensão do império norte-americano, sem dúvida voltará a humanidade a sonhar com utopias que tornem a vida e o planeta mais suportáveis. “A Ilha” poderá voltar a ser fonte de inspiração.

6. A Quem se Recomenda.

Do ponto de vista global, interessa pela crítica que faz e que se pode cotejar com a realidade atual, inclusive pelo processo de mescla oriente-ocidente que vem acontecendo nas Américas. Para os diletantes é uma leitura agradável; para os estudiosos da mudança social é uma boa fonte de sugestões.